

ELAS QUEREM SER MC POCAHONTAS!:

O FUNK OSTENTAÇÃO E A JUVENTUDE FEMININA CONTEMPORÂNEA

Juliana Ribeiro de Vargas*

Cenas em uma escola

Uma estudante do último ano do Ensino Fundamental escuta uma de suas músicas preferidas no celular: Mulher do Poder, interpretada pela Mc Pocahontas¹. É interessante destacar que na versão audiovisual da música, a intérprete aparece desfrutando de bens de consumo de alto valor, como roupas e acessórios de grifes famosas, a exemplo da Louis Vuitton². A artista também destaca na música que, para iniciar/manter um relacionamento afetivo, seu parceiro deve lhe dar condição, ou seja, sustentar seus desejos e suas vaidades, não importando o quão caro sejam. Frente a esta descrição, vale questionar: estarão as jovens da atualidade, principalmente àquelas apreciadoras do estilo funk ostentação, organizando seus relacionamentos de amizade e de afeto de modo semelhante à Mc Pocahontas?

O presente estudo, recorte de uma investigação mais ampla, pretende visibilizar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos na constituição de subjetividades de um grupo de jovens alunas contemporâneas e, por conseguinte, na (re)produção de formas de viver a feminilidade na atualidade. Tais discursos eram evidenciados em músicas associadas ao gênero contemporaneamente conhecido como funk ostentação, o qual era

¹Mc Pocahontas é o nome artístico de Viviane Queiroz, cantora carioca. Ver: <http://www.brasilblogado.com/mc-pocahontas-oficial/> Acesso 20 jul 2014. O vídeo da música pode ser visibilizado pelo endereço <https://www.youtube.com/watch?v=AGuf8ARymiU>. Acesso em 15 abr 2015.

*Doutora em Educação. Docente do PPGEDU/ULBRA. Universidade Luterana do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Educação.

apreciado pelo grupo de alunas em questão. As jovens escutavam e compartilhavam tais músicas através de seus aparelhos celulares, muitas vezes em meio às atividades de sala de aula, não acatando assim a legislação vigente que proíbe o uso de tais aparatos nas escolas da rede de ensino da qual fazem parte.

Os campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, em vertente pós-estruturalista e também as teorizações de Michel Foucault (2009) permitem o aprofundamento da temática de análise. Em consonância com tais campos, compreendo os sujeitos como constituídos e diferenciados discursivamente, segundo as condições de possibilidades de distintos contextos históricos e sociais. Logo, as jovens contemporâneas estudadas estariam sendo subjetivadas de distintos modos em suas possibilidades de vida e, desta forma, constituiriam suas feminilidades frente a diferentes discursos.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, entendo as músicas escutadas pelas alunas como produções culturais e ainda, como ações comunicativas/ identitárias dos grupos sociais pelos quais transitam. Em consonância com os Estudos de Gênero, ao deslocarem o foco de análise dos comportamentos de homens e mulheres como relacionados às construções históricas sociais, permitem-me articular modos diferenciados de descrição e análise de tais sujeitos (LOURO, 1997). Sob tal perspectiva, gênero é compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995).

Vale referir que o material empírico deste estudo decorre de metodologias de investigação qualitativas de cunho etnográfico, tais como observações participantes e registros em diário de campo. Também foram realizadas análises sobre os arquivos musicais armazenados nos cartões de memória dos celulares das estudantes, os quais foram problematizados em encontros de pequenos grupos, os quais denominei Rodas de Conversa. A partir de tais metodologias, foi possível verificar que algumas alunas armazenavam mais de trezentos arquivos musicais em seus celulares.

Pode-se depreender que, semelhante aos chamados diários de outros tempos, os celulares prestam-se, na atualidade, ao registro de memórias/vivências das jovens alunas, uma vez que imagens e músicas que remetem aos amigos, aos amores e aos ídolos ficam registradas nos cartões de memória de cada aparelho. Seriam os cartões de memória diários digitais contemporâneos, nos quais as jovens alunas registram, constituem e são subjetivadas

na sua existência. Contudo, é importante pontuar a provisoriedade e a flexibilidade que tal recurso comporta, uma vez que cada aluna pode possuir mais de um cartão de memória e, também, apagar ou registrar ‘novas memórias’ no mesmo.

Apresento a seguir algumas características do gênero funk ostentação, buscando visibilizar discursos sobre gênero, sexualidade e consumo evidenciados em tais músicas. Encerro este estudo com a certeza de que outros discursos poderiam ser problematizados na procura de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à constituição da juventude feminina.

Esse é bonde das minas que andam no ouro: discursos do funk ostentação

Encontradas na totalidade dos cartões de memória das alunas investigadas, as músicas relacionadas ao funk ostentação são apreciadas por grande parte dos jovens (e até mesmo das crianças) nos tempos atuais. A forte presença do funk em nossa sociedade, em especial do estilo ostentação, pode ser percebida nas trilhas sonoras de novelas de grande audiência, na presença de artistas do gênero, a exemplo da Mc Pocahontas, em programas de televisão e também pelos numerosos shows que os artistas realizam mensalmente. Sobre a popularização do funk, vale destacar as palavras do DJ Malboro, um dos percussores do estilo no Brasil: “É a verdadeira Música Popular Brasileira, a MPB, [...]. Acho que não existe nada hoje no Brasil que tenha tanta força ou que seja ligado de um modo tão verdadeiro ao que as pessoas pensam como o funk” (DJ Malboro - PLATT e NEATE, 2008, p.85).

Segundo Dayrell (2002) o funk, assim como o rap, tem sua origem na música negra norte-americana, a qual incorporou sonoridades africanas, baseadas, segundo o referido autor, no ritmo e na tradição oral. De um modo geral tal ritmo musical é associado às classes sociais de menor poder aquisitivo e, por conseguinte, com uma suposta menor possibilidade de aquisição de bens de consumo. Segundo Michael Herschmann (2005), apesar de ter sido visibilizado na década de 1970 na conhecida casa de espetáculo Canecão, o funk encontrou espaço nos bairros dos subúrbios cariocas. Nos tempos atuais, é possível afirmar que o referido gênero é produzido/consumido por “diversos grupos e segmentos sociais, e pela indústria cultural em geral” (HERSCHMANN, 2005, p. 73).

As músicas relacionadas ao funk ostentação traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos “benefícios” que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens: a

companhia de belas mulheres e a elevação de um status frente aos demais. Também suas músicas descrevem os desejos femininos como unicamente relacionados à vaidade e à beleza, os quais são atendidos, de um modo geral, por homens que pagam às mulheres o que elas querem. Os relacionamentos afetivos também são organizados a partir da mesma lógica; mulheres namoram homens que “bancam” tudo o que elas desejam.

A música Onde eu chego eu paro tudo, interpretada pelo Mc Boy do Charmes, exemplifica as afirmações anteriores. Tal música descreve que o uso de uma série de artefatos de vestuário e embelezamento de valor extremamente elevado, de marcas como Dior, Lacoste, Armani, Oakley e Hilfiger, possibilitaria aos homens encantar, seduzir e compartilhar da companhia de belas mulheres. O uso de adornos como cordões e correntes de ouro e, ainda, a propriedade de carros e motos de valor elevado, também são destacados pela música referida como ações potenciais para a elevação do status de quem os usa. A versão audiovisual (videoclipe) desta e de outras semelhantes visibilizam homens jovens cercados de belas mulheres e ostentando os artigos de luxo como os citados³. A seguir, apresento excertos da música que evidenciam as afirmações

Onde eu chego eu paro tudo
A mulherada entra em pane
Meu cordão é um absurdo
Meu perfume é da Armani[...]

Pick-up cabine dupla
Jet na carroceria Correria traz fartura
Fartura traz alegria
E no meu vocabulário
Não existe economia
Nós investe no poder
E usufrui da putaria

(Onde eu chego eu paro tudo- McBoy do Charmes)

Em determinados versos da música Onde eu chego eu paro tudo, é possível pensar que o uso de artefatos de marcas de grife e de automóveis caros seja propiciado pela prática de atividades ilícitas, tais como roubos e furtos. Refiro-me aqui, especificamente, aos versos “correria traz fartura, fortuna traz alegria” e “nós investe no poder e usufrui da putaria”. No

³Pode-se referir aqui as músicas Megane (Mc Boy do Charmes) , Plaque de 100 (Mc Guime), É o fluxo (Mc Nego Blue) e as Minas do Camarote (Mc Dedé).

ambiente da periferia é de conhecimento geral que “aqueles que fazem correria” são os sujeitos envolvidos em práticas ilícitas, a exemplo do tráfico de drogas e do comércio de máquinas caça-níqueis.

De modo semelhante ao exposto pela música Onde eu chego eu paro tudo, a música Rolê da Haybusa, de Mc Dedé também visibiliza a relação entre popularidade e consumo de caros artefatos de vestuário (a exemplo de roupas Hollister e Abercrombie & Fitch), tal como podemos observar no recorte da mesma:

*Área vip, whisky, no camarote só as top de elite
No baile (HAHA), nós porta o kit
Tem Hollister e Abercrombie Fitch
Meninas solteiras o baile é de vocês
Vem dançando uma de cada vez
(Rolê da Haybusa - Mc Dedé)*

Ao problematizar com as alunas a relação dos artefatos de consumo descritos em ambas as músicas e a real possibilidade financeira de serem adquiridos, as mesmas destacaram a realização de atividades ilícitas como meio para a conquista de tais bens, como é possível visualizar em suas falas:

Pesquisadora: Haybusa é uma moto caríssima! Vocês acham que os caras que cantam essas músicas têm dinheiro para comprar?

Isabelly: Têm! Porque eles invadem o lugar e “pegam” né?

Pesquisadora: E as gurias vão querer andar com os caras de Haybusa ou com os demais caras?

Amanda, Isabelly e Cintia: De Haybusa!

Amanda: Mas tu achas que os que têm Haybusa conseguem comprar Haybusa como? Vendendo droga!

Isabelly: É patrão! Eles são patrão!

Já Mc Pocahontas acaba por ser descrita pelas alunas como exemplo de beleza e performance artística. Todas querem ser Mc Pocahontas! É interessante destacar que o fato de um homem financiar seus desejos e vontades, como a artista descreve na música, não chega a entendido como um problema para as alunas. Tais ideias são visibilizadas por suas falas:

Amanda: Mc Pocahontas! Eu gosto muito!

Isabelly: Ah, eu amo ela! Ela não é bagaceira, e ela é linda! Julia: Ela é linda! E eu gosto das músicas dela!

Evillyn: Ela é linda e as músicas dela são legais! Eu acho ela a Mc mais bonita que tem!

Pesquisadora: E por isso que tu gostas dela? Tu querias ser ela?

Evillyn: Ah, eu queria! Imagina “sora”! Tirar foto lá, naqueles carrões!

A fala das alunas também reitera a relação de dependência entre homens e mulheres, naturalizando o fato de Mc Pocahontas ter todos os seus desejos atendidos pelo companheiro na versão audiovisual da música Mulher do Poder. Em suas palavras:

Paula: É legal porque mostra o poder da mulher!

Pesquisadora: Que tipo de poder a música mostra?

Cintia: Ela tem dinheiro, roupas, dinheiro...

Sophia: Ela tem o poder da... Tu achas que ele deu dinheiro para ela por quê? Só porque ela deu beijinho nele?

Pesquisadora: Então por que ela “dá” para o cara e assim ganha tudo dele?

Paula: Não é porque ela dá, é porque ela merece! Se ele pega ela, ele tem quem ostentar!

Pesquisadora: Por que tu achas isso?

Sophia: Porque se o cara tem dinheiro ele tem que dar para ti!

As atitudes de consumo e a visibilidade de determinados bens e artefatos descritas, principalmente nas músicas filiadas ao que está sendo denominado como funk ostentação parecem reiterar um discurso consumista, fundamentado em uma sociedade capitalista, a partir do qual o acúmulo de bens materiais acaba por se tornar a própria dinâmica de felicidade. Sob a premissa desse discurso, enunciados como “os ricos é que são felizes”, ou ainda, “apenas o dinheiro traz felicidade” são fomentados e reproduzidos nas mídias contemporâneas. As narrativas das alunas destacam-se como enunciações sobre o referido discurso:

Paula: Essa história de dizer que dinheiro não traz felicidade eu acho a maior mentira. Pois se ele não traz felicidade, pelo menos manda trazer! Essa vida de pobre não é feliz! Eu queria é ter essa vida das músicas. Ser pobre sem glamour não tem graça nenhuma.

É possível pensar que as músicas alinhadas com o funk ostentação visibilizem a ideia de Zigmund Bauman (2005) de que, na contemporaneidade, o mundo se configura como um palco de performances, no (e do) qual somos consumidores de bens de consumo, de bens culturais e até mesmo de relacionamentos. Como afirma Bauman, as sociedades contemporâneas padecem da síndrome consumista, na qual os desejos e anseios pelos bens

materiais devem ser atendidos de forma quase imediata. Nas palavras do autor, tal síndrome envolve a “[...] enfática negação da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação [...]. [...] encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo e a distância temporal entre este e a sua satisfação, assim como entre a satisfação e o depósito de lixo” (BAUMAN, 2008, p. 111).

É preciso escutar (mais): à guisa de conclusão

A respeito da produtividade das diversificadas mídias na constituição dos sujeitos afirma Rosa Fischer (2001, p. 588): “[...] a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos [...]”. Vale pontuar que, segundo a referida autora, a(s) feminilidade(s) acabam por ser “reforçadas, imaginadas, dinamizadas, polemizadas, enfim, construídas na cultura” (FISCHER, 2001, p. 591). No entanto, nos dias atuais, é preciso considerar que os enunciados sobre a feminilidade subjetivem as jovens a buscarem relacionamentos afetivos nos quais sejam providas financeiramente e possam desfrutar do “luxo e da ostentação”, a exemplo da Mc Pocahontas. Assim, as diversas formas da mídia “tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo” (FISCHER, 2007, p. 293). Logo, é possível pensar que a mídia fomente a visibilidade de estilos, gostos e, também, de histórias de vida, ações essas que contribuem para a constituição e assimilação de discursos diversos pela sociedade.

Por fim, é importante destacar que o estudo das produções culturais produzidas/consumidas pelo meio das periferias urbanas, a exemplo das músicas associadas ao funk ostentação, apresenta-se como um caminho profícuo para a análise das práticas sociais vividas pelos moradores que nelas habitam e também para compreensão dos discursos circulantes em tais espaços. Desta forma, compreendo como necessário continuar o estudo e a problematização acerca das formas que os discursos visibilizados pelas músicas escutadas por alunas produzem modos de viver a feminilidade na atualidade; pois visibilizar e problematizar os modos de ser e de viver das alunas jovens, nos tempos atuais, é possibilitar uma melhor compreensão das condições que organizam a constituição das culturas juvenis femininas.

Certamente, muitos outros discursos poderiam ser aqui problematizados – não em busca de soluções mágicas e imediatas, mas sim na busca de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à juventude feminina.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAYREL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, vol.28, no. 1, p.117-136, jun. 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 35, p. 290 -299. maio/ago. 2007.

_____. **Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis (SC), v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001/2.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II- O uso dos prazeres**. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **A ordem do discurso**. 12 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

GARBIN, Elisabete M. **Conectados por um fio: Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola**. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação a distância. Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio, 2009.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PLATT, Damian; NEATE, Patrick. **Cultura é nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.